



XIII Simpósio Integrado de Pesquisa FURB/UNIVILLE/UNIVALI

27 de agosto de 2015, Blumenau - SC

## REDES SOCIAIS, RIZOMA E FILOSOFIA

**Albio Fabian Melchiorretto**  
albio.melchiorretto@gmail.com  
FURB

**Dr. Celso Kraemer**  
kraemer250@gmail.com  
FURB

**Eixo temático:** Educação e Tecnologia

**Resumo:** A pesquisa que proponho no mestrado em Educação visa buscar possibilidade de inserção de Redes Sociais Virtuais como tecnologia para o Estudo de Filosofia no Ensino Médio ou equivalente. Tem como objetivo estabelecer o estudo de um tema filosófico com o uso de redes sociais, analisando a prática a partir do conceito de rizoma de Gilles Deleuze e Félix Guattari. A metodologia aplicada para a coleta de dados foi a pesquisa-ação, desenvolvida em uma experimentação. No recorte que aqui apresento há uma comparação de resultados entre uma “turma” que utilizou uma Rede Social Virtual e outra que não. Ao comparar as experiências, os resultados indicam uma diferença de aproveitamento no que concerne ao estudo da filosofia. A diferença entre as duas turmas é objetivo de consideração e reflexão. Estamos a viver um tempo de perene conexão. Os escolares apresentam-se ligados em redes sociais e as utilizam para os mais diferentes fins. Esta experiência, para além do evidente, permite um olhar reflexivo dos possíveis ganhos que o uso das redes sociais dentro da sala de aula poderá resultar.

**Palavras-chave:** Educação. Redes Sociais Virtuais. Rizoma. Conexão.

*Uma tecnologia não é nem boa, nem má, tampouco neutra.*  
Pierre Lévy (1999)

### 1. Introdução

Vivemos em época de conexões virtuais construídas através do uso de tecnologias digitais. Os discursos sobre inclusão digital e inserção de novas tecnologias, ou novas mídias, no ambiente escolar estão cada vez mais recorrentes. Alguns autores chamam a atual geração de escolares, que compõe a Educação Básica, de nativos digitais. Não estou cá afirmando, apenas problematizando algumas falas presentes nos meios que estão a discutir





27 de agosto de 2015, Blumenau - SC

educação. Motivado por tais falas, pela visualização de conexões e por reflexões que permitam olhar a escola e as tecnologias para além da frivolidades das conversa comuns, pretendo conjecturar alguns apontamentos sobre o tema.

O tema que será pesquisado e estudado é o uso das Redes Sociais Virtuais como uma ferramenta para o estudo de filosofia com o público de Ensino Médio e a relação com o conceito de Rizoma a partir de Deleuze e Guattari (2000). Há duas questões que se põe diante do tema. Tais questões me fazem olhar para a necessidade de um pesquisa para compreendê-lo melhor: o olhar para as Redes Sociais Virtuais e o olhar para o ensino de filosofia na educação básica. Porém, para este simpósio recorto a reflexão apenas para a aplicação de uma Rede Social Virtual em sala de aula.

Pensar as redes sociais é uma urgência por conta da maneira como se fazem presente no cotidiano. Para Recuero “quando uma rede de computadores conecta uma rede de pessoas e organizações é uma rede social” (2009, p. 15), e esta apresenta uma infinidade de ações. As redes sociais em si não formam uma estrutura hierárquica verticalizada, construída a partir de uma relação de poder, mas um espaço, em certo grau, livre, orientada por uma lógica associativa o que é demasiadamente intrigante. Partindo deste pressuposto é possível então correlacionar Redes Sociais Virtuais e o conceito de Rizoma.

## 2. Metodologia

O desenho de dissertação que está em desenvolvimento dentro um curso de Mestrado em Educação, possui características peculiares por conta da fundamentação teórica que a sustenta. Por este motivo farei um devaneio para explicar como se constituiu a metodologia de pesquisa. Na primeira parte apresento a linha metodológica norteadora e na segunda parte abordo alguns dos princípios aproximativos do rizoma para justificar a escolha de uma pesquisa-ação através da experimentação. Segundo Zourabichvili (2009), em Deleuze e Guattari a metodologia é uma perversão que, por ora, pode significar a construção a partir de pensadores reconhecidos, mas por outra, significa

desconstrução que visa desviar restos de teorias de toda natureza para utilizá-los para outros fins. Caminhando entre estes abismos, desenharei as linhas que conduziram a experimentação.

A coleta dos dados aconteceu a partir do princípio da “pesquisa-ação” através de uma experimentação dentro de uma unidade curricular num curso de Educação Profissional, na modalidade de Aprendizagem Industrial, ligada ao programa Menor Aprendiz<sup>1</sup> em uma instituição do “Sistema S” na cidade de Blumenau. A prática seguiu a metodologia de pesquisa-ação propondo uma ação deliberada que visa uma mudança entre os atores<sup>2</sup>. A novidade consistiu na introdução de uma ferramenta não-escolar como suporte para as ações escolares da unidade curricular de Ética, Cidadania e Meio Ambiente. Segundo Thiollent “a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação” (THIOLLENT, 2000, p. 14). A ação, no caso, foram a execução das aulas da unidade curricular de Ética, Cidadania e Meio Ambiente<sup>3</sup> com diversas propostas de atividades.

A pesquisa-ação, em certo grau, segundo Thiollent (2000) é uma pesquisa participativa. Ao pesquisar Redes Sociais Virtuais através de uma experimentação em sala de aula encontra-se uma ação participativa, pois tem como consequência uma ação participativa dos atores envolvidos entrelaçados pelos problemas investigados. Ao mencionar participação na pesquisa é possível algum leitor relacionar com a pesquisa-participativa, porém, segundo o autor,

---

<sup>1</sup> A modalidade de Aprendizagem Industrial destina-se à qualificação inicial de jovens, com objetivo de possibilitar a inserção no mundo do trabalho amparada pela Lei nº 10.097, de 19 de dezembro de 2000 onde altera dispositivos da Consolidação das Leis do Trabalho, ampliara pelo Decreto Federal nº 5.598 de 2005. São aptos a participar do programa de Aprendizagem jovens de 14 a 24 anos que estejam cursando o Ensino Fundamental ou Ensino Médio.

<sup>2</sup> Ao longo da pesquisa opto em chamar os escolares de atores da pesquisa e não sujeitos por conta do ambiente virtual em que ela está desenhada. A proposição teórica vem a partir da análise dos “sujeitos” descritos por Raquel Recuero, nas palavras da autora, “os atores são o primeiro elemento da rede social, representando nós (ou nodos). Trata-se das pessoas envolvidas em rede que se analisa. Como partes do sistema, os atores atuam de forma a moldar as estruturas sociais, através da interação e da constituição de laços sócias. (...) O primeiro aspecto relevante para [um estudo em redes sociais] é a característica da expressão pessoa ou pessoalizada na Internet” (RECUERO, 2009, p. 25).

<sup>3</sup> A unidade curricular de Ética, Cidadania e Meio Ambiente, possui carga horária de 20h e está presente em todos os cursos do Programa Menor Aprendiz. A carga horária dela fora dividida em cinco encontros de quatro aulas cada. A unidade curricular de Ética, Cidadania e Meio Ambiente tem como objetivo “fortalecer a formação pessoal e profissional por meio da compreensão dos conceitos de Ética, Cidadania e Meio ambiente como valores de convivência social historicamente construídos, exercendo de forma ampla sua missão dentro do contexto sócio-econômico-cultural”, de acordo com a competência apontada no Plano de Ensino e Aprendizagem da unidade curricular, documento de circulação interna.

quando houver uma ação por parte das pessoas no problema “observado” a pesquisa consiste numa pesquisa-ação e a participação aqui, como veremos adiante, é parte da ação.

As aulas foram expositivas e dialogadas com a construção de diversas atividades em sala. O diferencial foi a inclusão de uma plataforma que permite a formação de *nós* em uma Rede Social Virtual. A plataforma servira como substituição ao ambiente virtual de aprendizagem convencional adotado pela instituição. Com a plataforma foram criadas possibilidades de interação extra muros da escola. No caso a plataforma adota fora o Facebook e nele a criação de um “Grupo Fechado” onde os escolares participaram.

A partir das aulas foram desenhados mapas de interações entre o professor-pesquisador e atores. Esta ação rizomática que, se analisada sob a exposição de Thiollent (2000), pode ser descrita como papel ativo equacionando os problemas encontrados, o acompanhamento dos escolares e a avaliação das ações que se desencadeiam em função dos problemas.

Ao Facebook foram integrados diversos mini aplicativos. Um deles foi a agenda. A agenda permite marcar antecipadamente eventos, atividades e compromissos que envolve os atores, formando nodos entre os escolares e as atividades, além da possibilidade de compartilhar arquivos de textos, vídeos, imagens e apresentações. São laços fortes e dialógicos que permitem uma interação social mútua, muito diferente de uma lógica arbórea dominante (cf. DELEUZE; GUATTARI, 2000). Laços fortes, “se caracterizam pela intimidade, pela proximidade e pela intencionalidade em criar e manter uma conexão entre duas pessoas” enquanto que a caracterização dialógica é marcada “pelo diálogo constituinte entre os atores envolvidos” (RECUERO, 2009, p. 41). Uma pesquisa-ação não trata de simples levantamento de dados ou de relatórios a serem arquivados, mas implicam em situações que tem algo a dizer ou a fazer, segundo Thiollent (2000). Ao comparar Recuero com Thiollent encontro uma modalidade de ação que o primeiro chama de atores em torno de nodes centrais e o segundo define como participação entre os “sujeitos”. A partir deste ponto percebo que existe um entrelaçamento rizomático que torna esta definição válida para a pesquisa que proponho.

Porém, a pesquisa-ação realizada somente faz sentido se entendia dentro de um contexto rizomático. Para dar conta desta proposição é preciso olhar o rizoma e suas características aproximativas. Desde os tempos da Grécia Antiga, vivemos pensando por oposição, separação, conceituação e classificação. Tanto entre os pré-socráticos, quanto em Platão e Aristóteles, por exemplo, verifica-se o predomínio dessa lógica. Ela persiste fortemente durante toda a Idade Média, estendendo seus tentáculos para nossas escolas contemporâneas. Nesta ordem a configuração dos desejos consistem numa dualidade, segundo a qual os opostos se completam em torno de uma zona central, o caule. Dele nascem diversas raízes laterais numa mesma ordem “oposta” ao caule. Tudo está ligado ao centro (cf. DELEUZE; GUATTARI, 2000, p. 26) e esta lógica central, de ligação remete a uma unidade conceitual classificatória e, certo grau, reducionista e nada rizomático.

A mesma ligação que Deleuze e Guattari (2000) criticam ao chamar de raios que emanam num único centro, ocorre também no período moderno. Com a “invenção” da ciência existe um processo de purificação dos saberes através de paradigmas (cf. STENGERS, 2001). A construção destes paradigmas, a partir dos escritos de Thomas Kuhn, parte de uma conquista cumulativa e também dele nascem a invenção do novo. Tudo para ser considerado uma verdade deve ser qualificado e quantificado. O período moderno é marcado por este movimento, o que está em foco é o objeto. “Desta vez a realidade natural aparece no aborto da raiz principal” (DELEUZE; GUATTARI, 2000, p. 14). A construção a partir de paradigmas, no período moderno, estabelece uma relação clara de hierarquização do saber, supervalorizando o saber científico.

A ideia de uma lógica arbórea permite pensar uma lógica binária entre duas possibilidades. Diante da raiz tenho possibilidades binárias. Algo é A ou é B. Esta maneira de pensar a realidade produz reflexos na cotidianidade. Os métodos de pesquisa tem um caráter qualitativo que visa classificação, hierarquização e reforça o caráter de neutralidade do pesquisador. Os mecanismos de abordagens que regulam e classificam em rankings são também exemplos de uma lógica binária que permite uma classificação fechada. Como se tudo girasse em torno de uma raiz central e então exista a “fabricação” de uma forma estratificada de efetivação dos desejos e de subjetivação.

A crença na solidez do sujeito do período moderno não se manteve estável até a noção de sujeito hodierno. A proliferação das novas tecnologias multimídias e o alcance dos mecanicismos de comunicação de massa permitiram novas formas de subjetivação que vão numa lógica não-binária, permitindo uma fluidez dos sujeitos. As incontáveis formas de conexão permitem ao sujeito ressignificar sua identidade a todo instante. Por conta disto, esta dissertação, é qualitativa, com viés rizomático, com o método de pesquisa-ação.

Enquanto os atores representam os nós (ou nodos) da rede em questão, as conexões de uma rede social podem ser percebidas de diversas maneiras. Em termos gerais, as conexões em uma rede social são constituídas dos laços sociais, que, por sua vez, são formados através da interação social entre atores. De um certo modo, são as conexões o principal foco do estudo das redes sociais, pois é sua variação que altera as estruturas desse corpo (RECUERO, 2009, p. 30)

Com isso vivenciamos fluxos de enredamento. A rede é formada por múltiplas conexões, por entradas e saídas permanentes sem uma situação 'A' que implica diretamente num instante 'B'. É não-binário. Busco Raquel Recuero para afirmar que todos os conectados são atores. Os atores são ou melhor, estão ligado por interesses momentâneos e estes interesses são analisados através de uma pesquisa-ação. E então entendemos a pesquisa-ação como uma proposta de ação que formam nós entre os diversos atores a partir da construção de redes que possibilitam levar a ação educativa na escola para fora dos muros que a cerceiam.

### **3. Discussão e análise dos dados**

Os dados gerados no conjunto de ações da pesquisa não foram analisados completamente. Em função disso, tomo a liberdade de recortar um dos elementos e compará-los com uma prática pedagógica anterior à pesquisa. Chamarei, nos próximos parágrafos de Turma A, a turma com a qual realizei a experimentação com redes sociais virtuais, e de Turma B, uma turma anterior à experimentação. Na Turma B foram ministradas aulas sem o aporte do Facebook.

Apesar do programa de Aprendizagem Industrial prever a possibilidade de receber escolares de idade entre 14 e 24 anos, os atores envolvidos eram todos menores de 18 anos de idade e nenhum deles havia concluído, até o curso, o Ensino Médio. A 'Turma A' era composta por 32 escolares, entre os quais 72% deles estava a cursar o Ensino Médio e 28% o Ensino Fundamental. Durante a prática, um dos escolares optou por desistir do curso. A 'Turma B' possui características semelhantes, 73% cursando o Ensino Médio e 27% o Ensino Fundamental. Todos os escolares que começaram a unidade curricular chegaram ao término dela. Em ambas as turmas, todos são escolares, estudam na rede pública de ensino no contra turno e estão ligados ao Programa de Aprendizagem Industrial através de única empresa e são oriundos das cidades de Blumenau e Indaial.

	TURMA A	TURMA B
Ensino Fundamental	28%	27%
Ensino Médio	72%	73%

Tabela 1: Escolaridade

A 'Turma B' teve como metodologia aulas expositivas dialogadas com uso de quadro, giz e apresentações de slides. A rigor o roteiro básico das aulas consistia numa apresentação introdutória do tema da aula; contextualização; exposição dialogada; feitura de exercícios; socialização e discussão dos exercícios; retroalimentação e encerramento das atividades. Ao final do turno de aula mencionava-se a temática para próxima aula e atividades extraclasse para introduzir o próximo tema. A grosso-modo as aulas aconteceram desta forma.

A 'Turma A' teve uma metodologia semelhante a turma anterior. O roteiro básico fora mantido. O que diferenciou a aplicação de ambas fora a criação de um grupo fechado no Facebook<sup>4</sup> com o uso do mini aplicativo Agenda dentro do grupo. Todos os escolares possuíam acesso à Internet. O Facebook fora importante para a construção de três movimentos. Os dois primeiros movimentos foram extraclasse, enquanto que o terceiro ocorreu durante a aula. O primeiro deles anterior, à aula, era postado na Agenda o tema da aula e alguma imagem

---

<sup>4</sup> Grupo ECMA 2015, disponível em <https://www.facebook.com/groups/ecma2015/>. A criação de um grupo fechado consiste na construção de um nó de atores dentro da ferramenta envolvidos por afinidades. Neste caso, a afinidade que formara o nó consistia nos escolares da 'Turma A'. Um grupo aberto permite acesso a qualquer usuário, enquanto que um grupo fechado somente pode ser constituir parte do grupo na rede um usuário aceito pelo administrador do grupo e somente os membros do grupo tem acesso ao conteúdo postado e as discussões inerentes ao grupo.

ou vídeo provocativo ao tema. No segundo movimento foi deixado no grupo virtual uma pergunta ou imagem relativo à discussão da aula com a proposição para os escolares comentarem a postagem. O terceiro movimento servira como retroalimentação. Era aberta a página do grupo em sala e os escolares, mediados pelo professor, eram motivados a comentar a própria postagem. Em meio aos diálogos, diversas vezes, a conversa seguiu para um debate interessante sobre as postagens dos membros da sala fazendo a conversa transcender os muros da sala de aula.

Da ‘Turma A’, composta inicialmente por 32 escolares, 26 conseguiram aprovação na unidade curricular com média igual ou superior a 7,0 e apenas 7 escolares deverão prestar exame final por possuir média igual ou inferior a 6,9. Como veremos no quadro comparativo abaixo, há uma quantidade menor de escolares em exame, quando comparados à ‘Turma B’. Os 7 escolares da ‘Turma A’ que deverão prestar exame correspondem a 22% do total da turma. A média geral da nota de avaliação na ‘Turma A’ foi 7,2 e isso é superior à média de aprovação, que é 7. Caso se considere apenas os aprovados sem a necessidade de exame, chega a 7,7 pontos, enquanto que a média dos que necessitam prestar exame é de 5,8 com uma diferença de 1,9 entre as duas categorias da ‘Turma A’.

A ‘Turma B’ era composta por 32 escolares. Destes 22 foram aprovados com média igual ou superior a 7,0 e outros 10 com média igual ou inferior a 6,9. Estes últimos dez escolares deverão, ao final do curso, prestar exame final, mesmo depois das aplicações de atividades de recuperação, conforme as orientações internas da instituição de ensino. Na ‘Turma B’ o índice de escolares em exame subiu para 32% do grupo. A média geral da sala apresentou 6,6 pontos como resultados. Considerando-se apenas o grupo dos aprovados na ‘Turma B’ a média de 7,4 e a média dos que necessitam fazer exame cai para 4,9 e a diferença é de 2,5 pontos entre os dois grupos.

	TURMA A	TURMA B
Escolares que deverão prestar exame	22%	32%
Média geral da turma	7,2	6,6
Média dos escolares aprovados	7,7	7,4
Média dos escolares em exame final	5,8	4,9

Tabela 2: Comparativo de desempenho

#### 4. Considerações finais

Comecei este artigo com uma frase de Pierre Lévy que afirma que “uma tecnologia não é nem boa, nem má, tampouco neutra” e o que demonstrei aqui através dos números é que existe uma possibilidade de uso de uma determinada tecnologia em sala de aula. A questão que fica após este experimento não é apenas os números de aprovados e dos que deverão submeter-se ao exame para diante do sistema alcançar a aprovação. O tema central é a possibilidade de se usar tecnologias virtuais para transcender os muros da escola e possibilitar das novas tecnologias de informação. Alguns poderão apressadamente afirmar que já existem ‘ambientes virtuais de aprendizagem’ (AVA) devidamente institucionalizados, o que é verdadeiro. Mas ao perceber o comportamento dos atores da ‘Turma A’ é evidente que o Facebook não foi apenas um canal, nem reduziu-se ao tipo de uso possibilidade pelo AVA. Para além dessa possibilidade o curso de rede social virtual possibilitou a criação de *nós*, conectado sujeitos com sujeitos, sem pautar-se no binarismo comando e execução.

As Redes Sociais Virtuais dentro de uma perspectiva escolar apresentam a quebra de paradigmas da formação de muros e abrem espaço para o inesperado, para a surpresa. Alguns atores da ‘Turma A’, ao término da unidade curricular, afirmaram, em questionário escrito e aplicado a eles com a finalidade de averiguar seu pensamento sobre a experimentação, que é possível as Redes Sociais Virtuais contribuir para o ensino e que elas deixam a escola mais atrativa. A atração não está intramuros, mas nas possibilidades de trazer ao cotidiano escolar aspectos da vivência fora da escola. Estas mesmas vozes salientam que depende da consciência do uso. Também estas mesmas vozes não descartam a utilização dos meios tradicionais de ensinar e aprender. O importante, segundo eles, é o foco nas atividades quando se está num ambiente dispersivo. A tecnologia não é boa, nem má, ela é utilizável e, quando feito de acordo com objetivos e dentro de um planejamento escolar, pode trazer um significado maior. Os números que foram apresentados evidenciam que houve melhor aproveitamento em uma turma em relação à outra.

Outro apontamento importante é, a produção de *nós* entre os atores. A experiência colocou a educação para além de uma escola com visão de indústria, formando mão de obra para o trabalho. Os atores produziram ligações intermediadas por uma ferramenta de interação social. Os blocos de interação entre os mesmos durante a realização da experimentação para esta pesquisa mostrou uma Rede Social que não foi apenas Virtual. A aprendizagem fora colaborativa. Produziu-se uma experiência de conhecimento mútuo, de partilha de saberes, de vivência para além dos muros, transportando a sala de aula no bolso através de um celular; levando-a para cama através de um notebook ou ainda compartilhando com a família no computador de casa. São *nós* criados que refletem a escola através dos objetivos de convivência de escolares que não estão na solidão, mas na conexão. A tecnologia, como diria Lévy, não é neutra. O Facebook mostrou-se viável como ferramental escolar. Ele já seria aceitável se as duas turmas comparadas tivessem os mesmos números. Mas eles mostram uma diferença significativa de rendimento mensurado. Então, porque insistir nos muros?

## REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. São Paulo: Editora 34: 2000.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

STENGERS, Isabelle. **A invenção das ciências modernas**. São Paulo: Editora 34, 2002.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 10. Ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 2000.

ZAURABICHVILI, François. **O vocabulário de Deleuze**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2009.